

COMO O FUTEBOL BRASILEIRO AGRADECE A QUEM O IMPULSIONA E VICE-VERSAAgnaldo Kupper¹**RESUMO**

O futebol é uma benção. Nem tanto para os que o praticam profissionalmente, mas sim para os que dele extraíram promoção pessoal, política e econômica, aos que promoveram suas empresas e marcas, aos que dele obtiveram controle sobre os trabalhadores. O futebol de fábrica surgiu como passatempo. Aos poucos, outros interesses brotaram, com empresários descobrindo na prática a possibilidade de se obter disciplina, controle sobre o tempo dos trabalhadores das fábricas, cerceamento sobre as atividades dos trabalhadores nos sindicatos, valorização de seus produtos e artigos, visualização positiva da empresa, além da imagem de que se preocupava com a condição física e de lazer de seus trabalhadores e busca de promoção política. A busca de patrocinadores para a prática também aponta para uma tendência do brasileiro: a necessidade de se sentir protegido e depender de quem considera superior.

Palavras-chave: Futebol. Patrocínios. Benefícios. Dividendos.

ABSTRACT

How the Brazilian football thanks the who drives it and vice versa

Football is a blessing. Not so much for those who practice it professionally, but for those who extracted personal, political, and economic promotion from those who promoted their companies and brands, those who obtained control over the workers. Factory football was a hobby. Gradually, other interests sprang up, with entrepreneurs discovering in practice the possibility of obtaining discipline, control over the time of factory workers, curtailing the activities of workers in unions, valuing their products and articles, positive visualization of the company, besides of the image that was concerned with the physical and leisure condition of its workers and search for political promotion. The search for sponsors for the practice also points to a tendency of the Brazilian: to feel protected and to depend on whom he considers superior.

Key words: Football. Sponsorships. Benefits. Dividends.

1-Mestre, Doutor e Professor pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis, Brasil.

E-mail do autor:
agnaldokupper2009@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O futebol possui uma via “duas mãos”: não apenas quem favorece se beneficia; o beneficiado, pelo patrocínio ou proteção obtida, joga ou obtém condições para fazê-lo.

Intenções individuais ou de grupos estruturaram poderes através do futebol, bem sentidos nos dias contemporâneos, em que pese absorção da prática pelos interesses da espetacularização.

E é exatamente aos interesses dos praticantes e às intenções de quem proporcionou e proporciona o futebol que este artigo se dedica, numa espécie de “toma lá, dá cá”.

A documentação obtida em arquivos dos clubes, tal como cartas, relatórios, atas, circulares, estatutos e históricos de vida, atestam investimentos pessoais, empresariais ou estatais em práticas esportivas como o futebol, em especial na primeira metade do século passado.

Segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (1982), o futebol possui duas vertentes. A primeira é ideológica, de cunho mais cultural-nacionalista, quase poético, usados com argumentos pró-unidade; a outra é de caráter empresarial, o que envolve os meios de comunicação, o futebol-empresa e os serviços gerais que envolvem a economia do meio futebolístico.

Bem fez Chico Buarque (2006, p. 54) ao indicar que no futebol os mais ricos são os donos do campo e os pobres os donos da bola. Sei que Buarque faz referência ao jogo em si e à habilidade com a “pelota” (normalmente, os mais habilidosos são os menos favorecidos, enquanto aos menos técnicos restaria um jogo mais racional, menos exibicionista). “Uns são equilibrados, outros equilibristas”, segundo José Miguel Wisnik (Wisnik, 2008, p. 155).

Porém, estendo o raciocínio dos autores citados para a organização do futebol em si, quando o jogo é oferecido por quem pode fazê-lo e é praticado por quem dele gosta, seja no campo, seja fora dele como mero apreciador, numa espécie de “é dando que se recebe” ou “dou-lhe o jogo, mas deixe que dele eu retire dividendos”.

O futebol enquanto esporte

Futebol, atletismo, remo, turfe, pugilismo. Eis alguns dos esportes originados

na Inglaterra. A princípio, de caráter excludente, praticados por indivíduos das camadas sociais mais abastadas.

A penetração de tais práticas entre as demais camadas sociais inglesas significou a consolidação de novos hábitos culturais, a que Pierre Bourdieu denomina ‘violência simbólica’, apontando à adesão de um conjunto de hábitos e práticas representativas que definem certo estilo de vida.

A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la (Bourdieu, 1997, p. 22).

Ou seja, Bourdieu entende o esporte moderno como um fenômeno em que se atribui posições relacionadas ao capital social, econômico e cultural de cada agente.

A busca pela hegemonia de determinadas práticas seria o acúmulo de uma distinção social de acordo com o seu potencial de poder simbólico.

Para se compreender o esporte, segundo Bourdieu, seria necessário conhecer e reconhecer a posição que determinada atividade esportiva ocupa por meio da distribuição dos praticantes segundo a colocação do mesmo no espaço social, apontando para a necessidade de se perceber o tratamento do esporte na condição de fenômeno inscrito em um sistema mercadológico.

Marivoet (2013) reforça os entendimentos de Bourdieu ao estabelecer que práticas e gostos culturais são elementos indicadores da condição do indivíduo em uma estrutura social, incluindo aí os hábitos esportivos e as práticas de lazer.

Assim como no sistema produtivo, no futebol alguns realizam, outros pensam e dirigem; outros colhem os resultados.

Entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente, isto porque o futebol, ao proliferar-se, passou a tomar a vida do brasileiro, a ponto de fazer parte de seu cotidiano.

Futebol e vínculos

O futebol enquanto modalidade esportiva é popular em vários cantos do mundo. Porém, a forma como se desenvolveu no Brasil tem alto grau de peculiaridade.

Nos primeiros anos do século XX o caráter da prática era mesmo elitista¹, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas. Ou seja, a princípio, o futebol foi utilizado como forma de distinção social.

Aos poucos, agremiações foram inserindo a prática na cidade do Rio de Janeiro, caso do Club de Regatas do Flamengo, do América Football Clube, do Botafogo Foot-ball Club e do Fluminense Football Club. Porém, as joias e as mensalidades² para ingresso e manutenção nessas agremiações eram altíssimas, impossibilitando acesso popular.

No caso do Bangu Athletic Club, fundado em 17 de abril de 1904, a Companhia Progresso Industrial (criada como fábrica de tecidos no bairro do mesmo nome e com capital português, em 1892), apropriou-se do futebol a partir de técnicos ingleses que passaram a praticá-lo, a princípio sem o apoio da direção da empresa³.

O incremento no número de clubes de futebol na cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX demonstra o interesse pelo esporte (em especial pela juventude carioca mais abastada).

O grande atrativo para os membros era pertencer a agremiações seletivas, sendo, portanto, indicativo de certa diferenciação social.

A formação dessas agremiações - excetuando o Bangu A.C. - são exemplos de mecanismos sociais segregadores, ou seja, os clubes estruturados nas zonas centrais e sul da cidade se organizavam em torno da elite da cidade:

Na verdade, a sociedade e a cultura da elite na capital continuaram a promover e a

defender os interesses desta elite, ajudando a criar um sentimento de continuidade aristocrática, estabelecendo locais exclusivos para contatos e alianças, reforçando valores e pressupostos compartilhados se, mais importante talvez, promovendo um sentimento de legitimação (Needell, 1993, p.31).

No Rio de Janeiro, o futebol ganhou maior projeção após a reurbanização da cidade durante o governo presidencial de Rodrigues Alves (1902-1906), sob coordenação do então prefeito Francisco Pereira Passos. Houve uma clara visão positivista nas reformas urbanísticas implantadas.

Na modernização da capital federal (também com interesse de consolidar o regime republicano no país e incorporar a cidade ao "mundo civilizado", afinal era o principal núcleo urbano do país), centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a suntuosas avenidas.

A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina⁴ (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre as maltas⁵, já que a prática da capoeira passou a ser incessantemente perseguida após o apoio destes às manifestações ocorridas na cidade (Aquino, 2002)⁶.

Para os menos favorecidos, o lazer à sua maneira

O futebol, até pela não exigência de equipamentos sofisticados (vale lembrar que no futebol até a bola pode ser improvisada), estruturava-se como possibilidade de

¹ A questão do elitismo no futebol pode ser debatida, uma vez que a construção da ideia teria servido para legitimar a atuação de grupos mais abastados como dirigentes de espetáculo, em especial a partir do momento em que partidas de futebol passaram a ganhar interesses de rentabilidade econômica e financeira

² Joia: taxa mais elevada para que um novo integrante seja aceito na agremiação; mensalidade: taxa mensal paga pelo associado para frequentar as dependências da agremiação, sob o pretexto de manutenção das estruturas da mesma

³ Clubes de futebol de fábrica não constituem fenômeno exclusivamente brasileiro. Em países da Europa, eles logo se difundiram. Também na América do Sul, caso do Uruguai e da Argentina, com companhias inglesas aderindo ao futebol.

⁴ A Revolta da Vacina teve como motivação não apenas a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Foi gerada também pela insatisfação popular ante as transformações urbanas da capital, o aumento do custo de vida, a intransigência governamental e a ausência de participação popular nas decisões políticas na República recém instalada

⁵ Grupos de capoeiristas.

⁶ Verificar Joel Rufino e sua obra História Política do futebol brasileiro, onde afirma (página 22) que os conflitos de rua de 1904 teriam feito o governo federal entender a necessidade de substituir a capoeira e a tradição de luta do carioca pelo futebol.

abandono à condição de meros espectadores para a condição de protagonistas. Isto significa que, se para os habitantes de maior renda da capital federal as disputas futebolísticas (partidas) eram usadas como forma de diferenciação social; para os de menor poder aquisitivo, entretenimento.

Progressivamente foram surgindo no Rio de Janeiro mais clubes na primeira década do século XX, muitos deles como pontos de diversão, tais como o Aldeia Campista FC e o Boêmios de Vila Isabel FC⁷.

Desta forma, o futebol tendia a organizar-se em clubes de regiões suburbanas da cidade do Rio de Janeiro, caso do Pedregulhense Futebol Club, do Sport Club Mangueira, do São Cristóvão FC, do Club Athletico Meyer, do Nacional Football Club, do Guarany Football Club, do Alumínio Football Club, do Shoot Americano Football Club, do Mauá Football Club, do Eden Brasil Football Club, entre diversos outros.

Organizar uma agremiação (fosse ela de dança, carnaval, leitura, xadrez ou futebol) mostrava-se como uma tentativa de acompanhar o que ocorria nas zonas mais privilegiadas da cidade, concedendo aos dirigentes certa notoriedade, mesmo que local (apropriação de capital simbólico).

No caso de São Paulo, a princípio o futebol varzeano (informal) foi tomado como encontros entre desordeiros e vadios, sendo perseguido pelas forças policiais. Por ocasião de sua popularização, a imprensa da época procurou distinguir o futebol das elites (elegante e bem organizado) do futebol informal das várzeas (improvisado e violento) tratando-os como modalidades opostas e distintas.

Santos Neto (2002), evidência assim o preconceito com o futebol praticado nas várzeas da cidade de São Paulo:

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o 'grande futebol', o das elites, e o 'pequeno futebol', dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos gentlemen ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas

como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de 'canelas negras' (Santos Neto, 2002, p. 53).

O futebol, rapidamente, transformou-se em fenômeno mobilizador. Agora também integrador de regiões interioranas com a capital.

A relação entre a prática do futebol e grandes empresas em São Paulo foi estreita, o que também colaborou para a rápida democratização do esporte.

O jogo de futebol, impressionantemente, seja na cidade de São Paulo, seja na cidade do Rio de Janeiro, perdeu rapidamente seu caráter elitista, ganhando força entre os "cabras", em especial no primeiro quartel do século XX, quando operários viviam às turras com o sistema opressor das fábricas e eram guiados em suas reivindicações por ideologias como o anarquismo.

Em São Paulo, a distração. No Rio de Janeiro, alienação. Nos dois casos, o futebol transformou-se em um elemento externo ao praticante.

No primeiro quartel do século XX, na formação de novos clubes de futebol no Rio de Janeiro manteve-se a associação por vizinhança, caso do Cascadura FC, Bonsucesso⁸, Santa Thereza FC, Engenho de Dentro Athletic Club⁹ (fundado em 03 de novembro de 1912 e que teve grande destaque no futebol suburbano do Rio de Janeiro) e Del Castilho. Ao serem estruturados por laços de vizinhança, normal que prevalecessem operários, funcionários públicos, caixeiros e outros trabalhadores de salários menores.

Normal, também, que as mensalidades cobradas se tornassem, com o tempo, mais acessíveis, com a joia (ingresso), em geral, equivalente a uma mensalidade, posição muito diferente de clubes mais sofisticados como Botafogo, Flamengo e Fluminense.

Da mesma forma, passava a não haver distinção de cor ou nacionalidade (com exceção dos clubes considerados "grandes" da capital). Mas o critério de vizinhança não era o único a propiciar a criação de clubes e associações esportivas: empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma

⁷ "Sport", Correio da Manhã, 27 de agosto de 1905 e "Sport", o Paiz, 06 de setembro de 1905.

⁸ Bonsucesso Football Club, fundado em 12 de outubro de 1913, Rio de Janeiro

⁹ <http://edac-futsal.webnode.com/>. Acesso em 09 de fevereiro de 2019

fábrica passaram a estruturar suas agremiações futebolísticas.

Nos clubes ditos suburbanos do Rio de Janeiro, os estatutos das agremiações mostraram-se mais democráticos na admissão de novos sócios, sendo aceitos indivíduos, independentemente da cor, opção política e religiosa e nacionalidade¹⁰.

Normalmente, seus dirigentes eram pessoas simples, que utilizavam endereço pessoal como indicativo da sede da agremiação criada (por vezes, até mesmo o endereço de atuação profissional; em outras, endereço desconhecido).

Interessante observar que mesmo a estrutura do estatuto de uma pequena agremiação seguia o modelo das grandes. O uso do distintivo da organização do associado também lhe conferia certo "status".

Paulatinamente, ao ver o futebol ganhar apreço entre populares, propagandas industriais e de ambientes de comércio passaram a ser veiculadas pela mídia (leia-se jornais) utilizando o esporte enquanto tema.

A estratégia, claro, era a de atrair a atenção através de ações que agradavam os torcedores-consumidores. Muitas casas comerciais cariocas auxiliavam o futebol através da promoção de jogos, doação de taças e reserva de espaço em lojas e mercados para exposição de uniformes esportivos das equipes locais.

Afinal, auxiliar o esporte permitia a determinada empresa construir uma boa imagem, passando a visão aos consumidores de que em seu interior havia a preocupação com a saúde física e emocional dos adeptos do esporte.

Da mesma forma, várias empresas particulares paulistas passaram a estimular o futebol em seus quadros, realizando campeonatos e subsidiando equipes, além do fornecimento de troféus, medalhas e prêmios¹¹.

Os patrocínios sempre foram bem aceitos pelos trabalhadores, numa espécie de vontade de manutenção de dependência,

característica que, arrisco a afirmar, é bem própria de boa parte dos brasileiros.

Joel Rufino Santos (1981, p. 22) aponta que os empresários, ao promoverem o futebol no interior das fábricas, procuraram criar um elemento disciplinador através da prática: "[...] como uma criança que manda brincar para queimar energias, mandados jogar futebol".

Levando-se em consideração que a prática do futebol seja disciplinadora, os clubes operários estruturados a partir das fábricas reproduziram a dominação existente no interior do ambiente produtivo. Ou seja, oferecer subsídios a um clube de futebol operário de forma assistencialista e com interesses disciplinadores, foi uma forma encontrada por empresários de esvaziar movimentos reivindicatórios e controlar a vida dos trabalhadores.

Mas, de certa forma, estruturaram uma resistência à dominação imposta pelo cotidiano, afinal, creio, a ação humana não deve ser vista apenas sobre as relações de produção. Se assim, não restaria qualquer manifestação de autonomia humana.

Patrocinados pelas direções fabris, elas exigiam certo retorno dos investimentos, fiscalizando atividades as atividades através de balancetes e relatórios. Uma forma de controle.

Com isto, os operários tinham papel secundário na organização e direção dos clubes formados, já que regimentos internos e estatutos eram elaborados, estabelecendo direitos e deveres aos associados.

Investimentos no Futebol no Interior Paulista

A formação de clubes de futebol no interior de São Paulo teve um cenário diferente em relação à capital. Muitas agremiações foram estruturadas com face popular (no sentido de maior abertura e aceitação de associados e menos seletiva, aceitando ferroviários, trabalhadores de companhias de gás e eletricitários). Mais: o interior paulista mostrou-se um tanto quanto distante das lutas e embates sindicais.

Porém, no interior paulista, assim como no do Rio de Janeiro, clubes foram organizados com a mesma intensidade das capitais, diferentemente de outras unidades da federação, onde a concentração de clubes de futebol se deu em normalidade nos centros

¹⁰ Para a obtenção de dados de formação e desenvolvimento de pequenos clubes, apresentadas em quadro a seguir, foram analisados diversos periódicos, constituições estatutárias e registros de agremiações disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

¹¹ O Estado de S. Paulo, 16 de julho, 17 de setembro e 17 de outubro de 1919.

econômicos e sedes administrativas, caso da Bahia e Pernambuco.

A formação de agremiações de futebol no interior do Estado de São Paulo foi marcada pela relação mais próxima entre os trabalhadores, ávidos por atividades de lazer, incorporando diversos segmentos sociais (a capital de São Paulo, a princípio, tinha nos clubes de elite seus praticantes, cabendo aos trabalhadores a prática em campos edificadas nas várzeas). Ou seja, nas cidades interioranas paulistas, os clubes apresentaram maior homogeneidade, até como forma de encontro dos diferentes estratos sociais (entenda-se trabalhadores e proprietários rurais, comerciais e industriais), até como forma de “dar time”.

Quando um clube do interior era convidado para disputar alguma partida contra alguma agremiação da capital, ao(s) dirigente(s) do clube interiorano era reservado maior prestígio local. Isto porque, ao estruturarem-se, equipes interioranas tinham como dirigente(s) pessoa(s) que tinham condições de adquirir o material esportivo e condições para a prática.

Clubes do interior paulista foram estruturados (pelo menos até a década de 1940) sem ingerência ou regulamentação do Estado.

Daí a visão carismática obtida pelo patrocinador/dirigente, normalmente marcada pela continuidade (descendência familiar). Raízes foram criadas e, de forma contrária aos clubes da capital, a “pequenez” foi mantida, dificultando o estabelecimento de elementos modernizadores, inclusive administrativos (não deve ser considerado estranho a formação de dirigentes “folclóricos” em clubes interioranos). Mais: os símbolos (flâmula, insígnia, alcunha ou apelido, mascote) estruturaram certa adoração, carinho e identificação, mantendo, desta forma, certo conservadorismo.

Em cidades paulistas como Campinas, Bauru, Piracicaba, Jundiaí, Limeira, Sorocaba, entre outras, o impulso ao futebol também foi dado pelas Escolas Agrícolas da Capital (estudantes tomavam gosto pela prática e no retorno à sua respectiva cidade, procuravam impulsioná-lo como forma de manutenção da atividade).

Mas o maior incentivo veio pelo setor ferroviário, próprio do avanço da produção cafeeira que tomou as primeiras décadas do século XX, caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (incentivadora de agremiações de futebol como o Paulista

Futebol Clube, a Associação Atlética Ponte Preta e o Rio Claro Foot Ball Club), Estrada de Ferro Sorocabana (caso do Esporte Clube Noroeste, do Clube Atlético Sorocabana de Itapetininga e da Associação Atlética Ferroviária de Assis), Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (caso da Associação Atlética Francana, do Mogi Mirim Esporte Clube, do Esporte Clube Mogiana e do Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto), Companhia Ituana de Estradas de Ferro (caso do Ituano Futebol Clube), Companhia de Estradas de Ferro Rio Claro (caso da Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara), Estrada de Ferro Bragantina (caso do Clube Atlético Bragantino), Estrada de Ferro Araraquara (caso da Associação Ferroviária de Esportes, do Rio Preto Esporte Clube e do América Futebol Clube) e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (caso do Esporte Clube Noroeste e do Clube Atlético Ferroviário de Araçatuba).

Ao longo de seus trajetos, a edificação de estações e, no entorno delas, a estruturação de pequenas vilas erguidas a partir da iniciativa de funcionários que trabalhavam na manutenção das linhas. Vilas que se transformaram em cidades, caso dos municípios de Araçatuba, São José do Rio Preto e Mirassol.

Benévolo (1953) aponta os procedimentos das Companhias Ferroviárias que atuavam no interior do Estado de São Paulo, onde os funcionários eram controlados rigidamente, com o estabelecimento de punições severas aos assalariados que infringiam as determinações e normas.

Segundo o autor, (...) o tempo de trabalho necessário para a sobrevivência ultrapassava as duzentas horas mensais obrigatórias, que resultava em jornada mínima de oito horas, incluindo o sábado. (...) As horas extras pareciam estar incorporadas no cotidiano (Benévolo, p. 53).

Assim como em algumas localidades da capital paulistana, no interior, mais do que agirem como mecenas, industriais, comerciantes, proprietários agrícolas, entre outros com certo poder econômico-financeiro, talvez tenham sido induzidos a financiá-lo.

Assim como nos clubes de fábricas, as agremiações esportivas e culturais apoiadas pelas Companhias Ferroviárias também sofriam supervisão, através da exigência de relatórios de movimentação financeira e de balancetes regulares, embora a maior parte

dos investimentos estivesse diretamente vinculada às empresas.

Recorrer a personalidades, fábricas e empresas para a formação de agremiações de futebol passou a ser comum nos vários municípios do interior paulista. Para os praticantes, apoio.

Para personalidades, fábricas e empresas, estar vinculado a uma agremiação de futebol, tal seu desenvolvimento e popularização no Brasil, parecia interessante do ponto de vista de reconhecimento, promoção e mesmo controle sobre o lazer e o tempo livre dos trabalhadores.

A análise histórica da formação de clubes de futebol no interior paulista demonstra o que desejo comprovar. Foi o caso da fundação de clubes como o Jaboticabal Atlético (30 de abril de 1911), quando um grupo e jovens se reuniu na sede do jornal O Combate para tratar da formação de uma entidade esportiva no município.

Para a estruturação da agremiação (que também teve o tênis como modalidade), foram procuradas personalidades de posse da cidade, como Robert Todd Locke, engenheiro canadense residente no município e que coordenou medição de terras para loteamento na região, que veio a tornar-se o primeiro presidente do clube.

Os mesmos passos seguiram agremiações como a Associação Atlética Francana (Franca, 1912), o Rio Branco Esporte Clube (Americana, 1913), o São José Futebol Clube (São José dos Campos, 1913), o Esporte Clube São Bento (Sorocaba, 1913; importante observar que o clube estruturou-se a partir do Club Athletico Chapelleiros, mantido a partir da fábrica de chapéus Souza Pereira e que, com a extinção do Chapelleiros, integrantes organizaram a nova agremiação com apoio da fábrica de arreios Ferreira e Cia.), a Associação Atlética Internacional de Limeira (1913; vale observar que seu estatuto determinava que o associado deveria ser "disciplinado, sob possibilidade de expulsão da agremiação"), o Esporte Clube XV de Novembro (1913, Piracicaba; seu primeiro presidente foi o cirurgião dentista e capitão da Guarda Nacional - que existiu entre 1831 e 1922 - Carlos Wingeter), o Esporte Clube Taubaté (1914; emergiu por iniciativa da Associação Comercial local, interessada em incentivar o futebol, além da principal modalidade da cidade à época que era o ciclismo), o Jabaquara Atlético Clube (Santos, 1914, mas que foi batizado como Hespanha

Football Club por ser originário de imigrantes europeus, em especial espanhóis), o União Agrícola Barbarense Futebol Clube (Santa Bárbara do Oeste, 1914, por iniciativa de fazendeiros da região), o Nacional Atlético Clube (São Paulo, 1919; ligado à São Paulo Railway Limited e, portanto, subsidiado por esta), o Rio Preto Esporte Clube (São José do Rio Preto, 1919, que, em sua estruturação contou com o apoio de personalidades de grande influência política e social da cidade, caso de seu primeiro presidente, Belmiro José Gomes, maçom, funcionário público, jornalista e comerciante e que foi proprietário dos jornais O Porvir, A Cidade e A Ordem e um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial da cidade, e de Gilberto Lex, farmacêutico e político local de grande influência) e o Radium Futebol Clube (1920).

Assim como no Rio de Janeiro, merece destaque a formação de agremiações paulistas vinculadas a usinas e usineiros, caso do União Agrícola Barbarense Futebol Clube, fundado na cidade de Santa Bárbara do Oeste em 22 de Novembro de 1914.

A Usina Santa Bárbara tem como base a produção de cana-de-açúcar e seus derivados e reuniu infraestrutura social a seus patrões, diretores, trabalhadores da lavoura e empregados fabris, composta de escola, capela, Igreja, armazém, farmácia e espaços para lazer e esporte. Foi constituída a partir de 1877, porém foi oficialmente inaugurada em 1914 e funcionou até 1996 (Quecini, 2000).

Em 1918, a agremiação passou a ser denominada Athético Barbarense Foot-Ball Club para, no ano seguinte, ganhar um novo nome: Sport Club Athético Barbarense. Profissionalizou-se em 1964. Seu principal personagem foi Antônio Lins Ribeiro Guimarães, (que dá nome ao estádio local, inaugurado em 1921).

Lins Ribeiro (1885-1931) foi funcionário da Estrada de Ferro e Agrícola de Santa Bárbara, atuando como contador. Foi presidente da agremiação e reivindicou à diretoria da Usina Santa Bárbara (de propriedade da família Alves de Almeida, dos grupos Ometto e Cosan) infraestrutura social para os colaboradores da empresa como escola, capela, armazém, farmácia e espaços de lazer.

A área para a construção do estádio de futebol local foi cedida pela Agrícola Santa Bárbara, daí a introdução definitiva de Agrícola no nome do clube. Somou-se ao interesse dos praticantes a necessidade de ampliação de

formas de lazer desejada pelo patronato da empresa.

Na cidade de Araras, interior paulista, também surgiram times de futebol ligados a usinas de cana e derivados, caso da Usina São João.

Hermínio Ometto, dono do empreendimento, foi o principal mantenedor de agremiações como a Associação Atlética Ararense (fundada em 16 de Setembro de 1926 na Fazenda São Joaquim, por iniciativa de funcionários locais) e do Comercial Futebol Clube (26 de Agosto de 1929).

A intenção de apoio por parte de Ometto teria sido a de promover o nome da empresa e proporcionar lazer e controle sobre os funcionários, seguindo os passos da estrutura de Santa Bárbara do Oeste.

A preocupação com o lazer e o divertimento dos trabalhadores nem sempre estava em questão. A profissionalização do futebol no Brasil, na década de 1930, encareceu as atividades de várias agremiações, razão pela qual muitas empresas deixaram de apoiar suas equipes.

Não podendo ou desejando manter investimentos, muitas das associações de futebol passaram a atuar na várzea ou mesmo desapareceram. Porém, as que foram mantidas, tiveram, em normalidade, o apoio de indivíduos e grupos. Normalmente, não sem interesses.

O futebol suburbano do Rio de Janeiro

A ligação entre a produção de açúcar e Campos dos Goytacazes, norte fluminense, data do século XVII, quando da fundação do engenho de São Salvador (1650).

No entanto, apenas cerca de um século após, a cultura do produto estruturou-se na região. A principal causa foi a decadência da produção açucareira no Nordeste brasileiro.

A estruturação de Usinas de Açúcar na região norte fluminense consolidou a formação de um grupo social emergente: a dos empresários do açúcar (usineiros) que, nas primeiras décadas do século XX, converteram Campos dos Goytacazes em um grande polo exportador do produto.

Em 1930, estavam estruturadas vinte e uma usinas na região, que, modernas, deram como destino aos antigos engenhos apenas a produção de aguardente e rapadura (Pinto, 1995, p. 78).

Segundo Pereira Pinto (Pinto, 1985, p. 22), Cada usina era uma ilha dentro do município. Tinha suas regras, seus domínios, seus festejos do padroeiro e por consequência adquiria hábitos e tradições próprias. A usina era o centro do qual girava o trabalho.

Várias agremiações de futebol surgiram dentro de cada um destes mundos particulares em que se transformaram as Usinas da região norte fluminense, com destaque ao Goitacaz (de base mais popular) e ao Americano (mais elitizado).

As empresas açucareiras cederam benefícios como a estruturação de campos para a prática futebolística, agregando funcionários e habitantes locais (importante citar que o fato de uma agremiação possuir seu próprio campo se torna interessante por passar a possuir uma outra fonte de arrecadação através de alugueres às agremiações desprovidas do equipamento, além de notoriedade patrimonial).

Segundo Pinto (2004), as usinas da primeira metade do século XX possuíam vida e estrutura própria, sendo o proprietário do empreendimento senhor absoluto dentro do seu raio proprietário. Aos seus empregados, em normalidade o “usineiro” fornecia escola básica, armazém para aquisição de gêneros alimentícios, moradia, atividades de lazer, promoção de eventos festivos, entre outros. Exigia, em contrapartida, lealdade e dedicação laboral.

Desta forma, surgiram mais agremiações como o União e Aliança (Usina de Queimado), Ypiranga (Morro do Coco), Atlético (Goytacazes), Santo Antônio (Beco), Martins Laje (Martins Laje), Rio Preto (Morangaba), Palmeiras e Liberal (Cambaíba), Tamandaré (Santa Maria), Santa Cruz (Santa Cruz), Nacional (Saturnino Braga), Comercial (Conselheiro Josino), Ururá e União de Ururá (Ururá), Cruzeiro (Poço Gordo), Estrela (Ponta da Cruz), Santo Eduardo, Esporte Clube Itálva e Cardoso Moreira Futebol Clube.

O apoio perdurou até a década de 1980, quando muitas das usinas entraram em processo de decadência. Com a crise, muitas das agremiações sucumbiram, demonstrando a dependência delas em relação às usinas de açúcar e álcool.

Futebol Clientelista

No Brasil, a prática do clientelismo é antiga, pressupondo a ideia de vínculo entre homens supostamente livres e patronos

através da troca de favores: ao patrão, tolerância pelos abusos; ao supostamente favorecido, percepção de certa vantagem obtida de forma imediata.

No Brasil, ainda hoje, muitas personalidades (normalmente exercendo mandatos políticos locais, regionais ou nacionais) têm sua base eleitoral envolvida às práticas coronelísticas historicamente construídas.

A trajetória histórica de diversas agremiações de futebol permite afirmar que, da fundação de cada uma delas ao seu histórico de desenvolvimento, com o passar do tempo outros interesses brotaram, suplantando a ideia de controle sobre trabalhadores ou simplesmente de criação de momentos lazer entre eles.

Indivíduos e grupos apropriaram-se de muitos clubes, beneficiando-os, sim, mas também em busca de promoção pessoal, comercial e, principalmente, por interesses econômicos ou políticos.

A título de exemplo, basta que observemos mais detalhadamente os caminhos traçados por algumas agremiações em São Paulo e Rio de Janeiro para que se comprove a afirmação.

Alguns casos chamam a atenção, caso do Clube Atlético Pirassununguense (Pirassununga, São Paulo), que teve na figura de Bellarmino Del Nero (1898-1951) seu grande impulsionador, sucedendo a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (decadente a partir do final da década de 1920, até encerrar suas atividades no município em 1977).

A família Del Nero ganhou notoriedade na cidade a ponto de um dos oito filhos de Luís Del Nero, Bellarmino Del Nero (1898-1951), tornar-se presidente do Clube Atlético Pirassununguense (CAP) e prefeito local por três gestões (década de 1930 e 1940). Foi através das práticas e iniciativas de Bellarmino que o CAP ganhou seu estádio definitivo no ano de 1931¹².

¹² Primo de Bellarmino, Zé Del Nero, como conhecido, atuou na agremiação local, passou pelo América Futebol Clube de Minas Gerais, pela Sociedade Esportiva Palmeiras e atuou por duas ocasiões na seleção brasileira de futebol (foi convocado em 1940). Um dos filhos de Zé Del Nero, Marco Polo Del Nero, amparado pela tradição familiar e pela fama do pai, Polo ganhou a presidência da Federação Paulista de Futebol em 2003, cargo que exerceu até 2014. Em 2014, substituiu José Maria Marin na presidência da

Não foi muito diferente o histórico no futebol de Alfredo Metidieri e o Esporte Clube São Bento de Sorocaba.

Sua ascensão social como empresário atraiu os interesses da agremiação, assim como seu interesse pessoal em promover sua empresa e galgar a postos majoritários no futebol do Estado de São Paulo. Suas intenções foram de controle, promoção de atividades de lazer e elevação da marca de sua empresa. O prestígio adquirido por Alfredo o fez conselheiro do Esporte Clube São Bento no ano de 1954. Em pouco tempo, assumiu o controle do clube, tornando-se seu presidente por duas gestões regulares e por períodos interinos (entre 1964 e 1981). Afastou-se entre 1976 e 1978 da agremiação para tornar-se o primeiro presidente da Federação Paulista de Futebol vindo do interior. O nome Metidieri foi promovido, seja pelos negócios, seja pelo envolvimento no mundo do futebol. Dois de seus irmãos tornaram-se vereadores, respaldados pela projeção familiar.

O Clube Atlético Braganantino, da cidade paulista de Bragança Paulista, também é exemplo do que se deseja provar: recorrer à proteção de personalidades para a manutenção de uma agremiação de futebol tem seu preço, embora isso pouco pareça importar, desde que haja proteção e fornecimento de estrutura para a prática do futebol.

A agremiação vinculou-se à família Chedid (proprietária atual de várias empresas de transporte de passageiros que atuam na região do município de Bragança Paulista), principalmente à figura de Nabi Abi Chedid (1932-2006), que emigrou com seus familiares do Líbano, chegando ao Brasil em 1938. A vocação política de Nabi teve a inspiração no pai, Hafiz Abi Chedid. Mas não só Nabi, já que outros membros da família, como Marquinho Chedid, Jesus Chedid, Edmir Chedid e Elmir Chedid, tornaram-se grandes nomes políticos da cidade de Bragança Paulista e da região que a envolve, caso do município de Serra Negra, onde Elmir Chedid (filho de Jesus Chedid e deputado estadual por vários mandatos) e seus familiares têm base política até os dias atuais (Jesus Adib Abi Chedid foi prefeito de Serra Negra entre 1973 e 1979, antes de se tornar prefeito de Bragança

Confederação Brasileira de Futebol, cargo que ocupou até 2017, quando foi banido do futebol pelo Comitê de Ética da FIFA, acusado de suborno e corrupção.

Paulista por três mandatos, entre 1993 e os dias atuais¹³)

Praticamente toda a estrutura política-familiar esteve ligada ao Clube Atlético Bragantino, em especial quando Nabi Abi Chedid tornou-se vereador e presidente da Câmara do Município de Bragança Paulista (1959-1963), apoiado na sua gestão sobre a agremiação de futebol a partir de 1958.

Em 1962, Nabi foi eleito deputado estadual. Paralelamente, continuou liderando o Bragantino, subindo com o clube no ano de 1965 à primeira divisão do futebol paulista.

O sucesso da agremiação popularizou ainda mais Nabi, que acabou sendo reeleito deputado estadual em 1966, 1970, 1974, 1978 e 1982, 1986, 1990 e 1994. Nabi presidiu ainda a Federação Paulista de Futebol de 1979 a 1982.

Em 1986, alçou ao cargo de vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, ocupando tal posto até 1989 (comandou a delegação brasileira na Copa de 1986).

Não só em São Paulo, mas em outras regiões do país e no Rio de Janeiro. Caso do Bangu Atlético Clube, rejuvenescida enquanto agremiação de futebol nos anos 1960, quando Eusébio de Andrade tornou-se presidente da mesma (em 1966, sob a presidência de Eusébio, o Bangu AC sagrou-se vencedor do Campeonato do Rio de Janeiro), tendo seu filho, Castor Gonçalves de Andrade e Silva (1926-1997), como vice.

O Canto do Rio Futebol Clube é outro exemplo do que se deseja mostrar. Tanto que a associação de futebol em questão, nascida popular, ganhou projeção a partir do apoio recebido de Ernâni do Amaral Peixoto (1905-1989) que, por conta de sua lealdade a Getúlio Vargas, casou-se com Alzira Vargas (filha de Getúlio) e chegou a ser nomeado interventor do Estado do Rio de Janeiro durante o Estado Novo (1937-1945), período em que, por influência de Ernâni, o Canto do Rio FC passou a disputar o Campeonato Carioca como convidado, apesar de não pertencer ao Estado promotor.

Para tanto, Ernâni teria dado suporte à agremiação, que se tornou ainda mais popular, não só em Niterói (cidade que foi capital estadual fluminense até a fusão entre os

Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, em 1974, durante o governo militar brasileiro).

Os favores de Amaral Peixoto elevaram o nome da família, a ponto de genro, Wellington Moreira Franco, tornar-se prefeito de Niterói¹⁴.

Heli Ribeiro Gomes (1925-1992), por sua vez, tem seu nome ligado a duas agremiações de futebol: o Esporte Clube Cambaíba e o Esporte Clube Sapucaia.

Heli nasceu em Campos dos Goytacazes, filho de Hélio de Sousa Gomes (médico) e Sadi Ribeiro Gomes. Apesar de ligado às atividades econômicas do setor primário, Heli foi herdeiro político do sogro, Bartolomeu Lisandro.

Com a projeção local de seu nome, foi eleito deputado federal pelo antigo Estado do Rio de Janeiro em 1958, sendo reeleito em 1962. Em 1968, Heli tornou-se vice-governador indicado (biônico) do Rio de Janeiro na gestão de Jeremias Fontes (1967-1971)¹⁵.

CONCLUSÃO

Caso o ser humano sempre aja em prol de uma causa esperando alguma retribuição, o futebol é um grande recompensador.

Até mesmo àquele que, ao desejar participar de uma pelada, forneça apenas a bola. Assim também nas pelezas de várzea, onde o favorecido, em normalidade, é o bar (embora qualquer incentivo seja válido).

Em proporções maiores, o favorecedor pode obter dividendos, seja ele um indivíduo ou um grupo constituído ou mesmo o Estado, que desde 1938 utiliza-o como elemento identificador nacional.

¹⁴ A partir do cargo, Franco tornou-se deputado federal por vários mandatos e governador do Estado do Rio de Janeiro (1987-1991), além de ocupar vários ministérios nos governos Dilma Rousseff (2011-2016) e Michel Temer (2016-2019).

¹⁵ Na obra Memórias de Uma Guerra Suja¹⁵, Cláudio Guerra, ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), faz denúncia de que corpos de militantes que lutaram contra o governo militar brasileiro (1964-1985) teriam sido incinerados no forno da Usina Cambahyba, de propriedade de Heli Ribeiro Gomes. Pelo serviço prestado, a Usina de Heli teria obtido facilidades na obtenção de financiamentos e créditos para manutenção e ampliação dos negócios.

¹³ Jesus Abi Chedid teria criado as bases para a fundação do Serra Negra Futebol Clube, em 10 de Setembro de 1989; atualmente seu departamento de futebol está desativado

O futebol emergiu elitista. Na Primeira República (1889-1930), popularizou-se espetacularmente, acompanhando as transformações brasileiras, em especial a partir da década de 1910, participando da vida operária intensamente, seja lúdica, seja politicamente.

Ao engendrar-se na vida do brasileiro, o futebol passou a expressar uma riqueza simbólica e a própria sociedade brasileira em determinado momento histórico, mostrando-se presente nos grandes embates e debates do país

O futebol de fábrica surgiu como passatempo. Aos poucos, outros interesses brotaram, com empresários descobrindo na prática a possibilidade de se obter disciplina, controle sobre o tempo dos trabalhadores das fábricas, cerceamento sobre as atividades dos trabalhadores nos sindicatos, valorização de seus produtos e artigos, visualização positiva da empresa, além da imagem de que se preocupava com a condição física e de lazer de seus trabalhadores.

A busca de patrocinadores para a prática - caso dos primeiros clubes operários que buscaram no patrão subsídios - também aponta para uma tendência do brasileiro: a de se sentir protegido e depender de quem considera superior.

É provável que, assim como nas escolas, os industriais tenham observado no futebol um esporte capaz de disciplinar seus operários, ocupando o tempo de lazer dos trabalhadores e impulsionando o gasto de energia com atividades desvinculadas indiretamente da produção fabril e o trabalho coletivo.

Visto assim, o futebol estaria vinculado às ferramentas utilizadas para o que se denomina controle social.

Times operários pressupõem identidade entre os participantes de vida semelhante (trabalhadores), portanto, explorados pelo sistema.

Neste sentido, a presença da fábrica (através do financiamento para aquisição de equipamentos, presença de diretores da empresa na estrutura administrativa do clube, nome da agremiação, fornecimento de campo pra a prática, entre outros) indica uma interferência reguladora, ferindo resistências e autonomia, inclusive sobre ações políticas dos trabalhadores (greves e luta sindical).

Fato é que a prática futebolística penetrou profundamente na vida do brasileiro, passando a fazer parte do seu cotidiano.

Desta forma, entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente, isto porque o futebol, ao proliferar-se, passou a tomar a vida do brasileiro, a ponto de fazer parte de seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- 1-Aquino, R. S. L. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002.
- 2-Benévoló, A. Introdução à história ferroviária do Brasil: estudo social, político e histórico. Recife. Folha da Manhã. 1953.
- 3-Bourdieu, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1997.
- 4-Buarque, C. O moleque e a bola. In: Coelho, Eduardo (Org.). Donos da bola. Rio de Janeiro. Língua Geral. 2006.
- 5-Guerra, C. Memórias de uma Guerra suja. Rio de Janeiro. Topbooks. 2012.
- 6-Marivoet, S. Inclusão Social no e pelo Desporto. Um desafio do Século XXI. In P. M. Pinto (Coord.). Olímpico. Os jogos num percurso de valores e de significados. Porto. Edições Afrontamento. p. 91- 98. 2013.
- 7-Meihy, J. C. S. Bom. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo. Imprensa Oficial. 1982.
- 8-Needell, J. D. Belle Époque Tropical. São Paulo. Cia. das Letras. 1993.
- 9-Quecini, V. M. Usina Santa Bárbara, um espaço para a história, uma história para a memória, uma memória para um espaço. São Paulo. Fapesp. 2000. Relatório de iniciação científica.
- 10-Pinto, A. C. P. Quem quebrou a casa de meu pai. Rio de Janeiro. Editora Comunità. 1984.
- 11-Pinto, J. R. P. O ciclo do açúcar em Campos. Campos: Ed. do Autor. 1995.
- 12-Santos Neto, J. M. Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo. Cosac & Naify. 2002.
- 13-Santos, J. R. História política do futebol brasileiro. São Paulo. Brasiliense. 1981.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol**ISSN 1984-4956 versão eletrônica**

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

w w w . i b p e f e x . c o m . b r / w w w . r b f f . c o m . b r

14-Wisnik, J. M. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo. Cia das Letras. 2008.

Recebido para publicação em 17/09/2019

Aceito em 25/03/2020